

**VELHICE, VELHICES:  
entre (in)visibilidades,  
ativismos e  
transgressões**

OLD AGE, OLD AGES: among (in)  
visibilities, activisms and  
transgressions

VEJEZ: entre (in)visibilidades,  
activismos y transgresiones

**Maria Luiza Martins de Mendonça<sup>1, 2</sup>**

## **RESUMO**

Neste trabalho, as reflexões são sobre as representações sociais construídas por meio dos discursos difundidos pela mídia sobre o envelhecimento feminino, considerando-os a partir da perspectiva teórica que considera a esfera da produção simbólica como um *locus* de disputa pela fixação dos significados sociais. Assim, importa compreender tanto os sentidos considerados hegemônicos quanto os discursos emergentes sobre o envelhecimento feminino, por meio da análise de textos que circulam online e que apresentam enfoques conflitantes sobre o assunto, dos quais o tratamento dado ao casal Macron é emblemático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento feminino; Discursos; Mídia; Brigitte Macron

---

<sup>1</sup> Professora colaboradora no PPGCom/ UFG. Doutora em Comunicação pela ECA-USP, Mestra em Comunicação pela FAC-UnB, graduação em Comunicação FAC-UnB. E-mail: [mluisamendonca@gmail.com](mailto:mluisamendonca@gmail.com).

<sup>2</sup> Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Informação e Comunicação, Campus II, CEP:74690-900, Goiânia, Goiás, Brasil.

### **ABSTRACT**

In this article, the intention is to debate social representations of female ageing through the analysis of online media content, considering theoretical premises of discourse analysis and the dispute for its hegemonic meanings and the new forms of experiencing aging, in which media treatment towards the Macron couple seems to be emblematic.

**KEYWORDS:** Female aging; Discourses; Media; Brigitte Macron.

### **RESUMEN**

Este artículo debate las representaciones sociales del envejecimiento femenino por medio del análisis de los discursos de revistas y textos online, a partir de la perspectiva teórica del Análisis del Discurso y la disputa simbólica por la legitimación de los sentidos sociales de la vejez. Se considera que el tratamiento de algunas revistas online ao casal Macron es emblemático de tal disputa simbólica.

**PALABRAS-CLAVE:** Envejecimiento femenino; Mídia; Discursos; Brigitte Macron.

Recebido em: 26.07.2017. Aceito em: 12.09.2017. Publicado em: 01.10.2017.

### Primeiras palavras

O envelhecimento e a morte, assim como os efeitos da passagem do tempo ao longo da existência dos indivíduos, são inquietações constantes há milênios. De Cícero<sup>3</sup> até os dias atuais, são muitos os filósofos/as, profissionais da saúde e pensadores/as de diversas áreas do conhecimento humano que trataram o assunto, por meio de diferentes abordagens e inserções históricas e culturais.

Atualmente, o crescimento do percentual da população com mais de 60 anos, nunca antes verificado na História, mantém em pauta o tema sob múltiplas perspectivas. No Brasil, até recentemente conhecido e reconhecido como um “país jovem”, pela primeira vez, segundo dados do IBGE<sup>4</sup>, há a queda da população jovem e o aumento de idosos. Isso devido à queda das taxas de fecundidade e de mortalidade, e ao aumento da expectativa de vida.

Interessa ressaltar que permanece a imagem revelada pelo estudo realizado pela demógrafa Elza Berquó<sup>5</sup>, que demonstrou há alguns anos a existência de uma diferença demográfica entre homens e mulheres e que tende a aumentar com o avanço da idade. Tal diferença parece incidir sobre as relações afetivas, levando a autora a chamar de “pirâmide da solidão” o quadro estatisticamente representativo.

É nesse contexto de envelhecimento humano, e em particular do envelhecimento feminino, que se inserem as reflexões neste trabalho. A ideia central é a de compreender quais são os olhares que a grande mídia lança

---

<sup>3</sup> Marco Túlio Cícero, filósofo grego nascido em 106 a/C. Escreveu *De Senectude*, tratado sobre o bem envelhecer.

<sup>4</sup> Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 5/8/2017.

<sup>5</sup> Berquó, Elza. **Pirâmide da Solidão?** Disponível em: [www.cebrap.org.br/imagens](http://www.cebrap.org.br/imagens).

sobre esse segmento da população, na tentativa de capturar distintas formas de aproximação e de representação do outro.

A abordagem adotada percebe este grupo a partir de um ponto de vista que considera esse segmento como grupo minoritário<sup>6</sup> – ao mesmo tempo abrangente, diversificado, fascinante e assustador (sim, a vida termina um dia, certamente) – e de suas representações midiáticas. Considera-se que o processo de envelhecimento feminino deve ser compreendido a partir da interação entre idade cronológica, psicologia e biologia individuais, atravessadas por diferenças e desigualdades entre gêneros (além de outros marcadores que não serão contemplados nesse momento como, por exemplo, classe social).

Desigualdades que implicam relações em que o poder entra em cena. E no que diz respeito ao feminino, em uma cultura que reverencia a juventude e o novo como virtudes em si mesmas, envelhecer parece caminhar na contramão da sensatez e na direção da insegurança. Uma vez que a valorização do jovem/novo dificulta, para a mulher comum, estabelecer uma relação positiva nas formas de representação e construção de autoimagem<sup>7</sup>.

No que diz respeito à produção midiática, esses produtos são considerados aqui a partir de sua potencialidade em produzir sentidos e subjetividades, construção e reforço de valores, modos de ver e de perceber a existência, o que coloca sua incidência sobre plateias/audiência/leitores/as muito além das dimensões informativas e/ou de entretenimento.

---

<sup>6</sup> Minoritário sobretudo na perspectiva de uma fragilidade jurídico-política, cultural e/ou da marginalização em relação aos sistemas de representação e produção de sentido. A esse respeito ver Sodré (2005).

<sup>7</sup> Por outro lado, ao homem de “meia idade” são comumente atribuídos valores desvinculados de sua imagem física, tais como maturidade, charme, poder, sucesso financeiro.

Em pesquisas realizadas anteriormente sobre a representação do envelhecimento feminino e da mulher não-jovem<sup>8</sup> em diferentes suportes midiáticos<sup>9</sup>, pude verificar não apenas a sub-representação desse universo, mas também a existência de tratamentos estereotipados e, algumas vezes, claramente preconceituosos. Mesmo quando se identificam, ao longo do tempo, mudanças de enfoque sobre comportamentos e estilos de vida, principalmente. Os resultados mostrados aqui se referem a pesquisas realizadas em diversas mídias brasileiras, ao longo dos últimos anos.

### **Percurso teórico-metodológico**

Em termos teóricos, considera-se que a esfera da produção cultural é, nas sociedades, aquela em que se realizam o aprendizado e a aquisição de sentidos das relações sociais, das formas de sociabilidade e se constroem visões de mundo. É nessa esfera que circulam os diferentes discursos que atuam na construção de subjetividades, e onde os indivíduos tomam consciência de suas condições de vida. Por essa razão, é também o campo no qual se travam as disputas simbólicas, frutos de processos culturais e históricos para a fixação dos sentidos sociais. Constitui, também, em núcleo gerador de identidades à medida que oferece modelos com os quais os indivíduos se reconhecem e se identificam. É na esfera cultural e na produção simbólica que ocorrem a transmissão de matrizes culturais, a consolidação de valores e a construção de subjetividades em toda sua abrangência: da formação do “gosto pessoal”,

---

<sup>8</sup> Uso o termo não-jovem para me referir a pessoas que, dependendo do ponto de vista, não são consideradas velhas nem tampouco jovens. A velhice é relativa, depende, em parte, do olhar de quem classifica e do lugar que ocupa no percurso de vida.

<sup>9</sup> MENDONÇA, M. L. M. Imagem de mulher: representação do envelhecimento na mídia brasileira. Braga: UMinho, Comunicação e Sociedade, v. 21, p. 67-78, 2012. MENDONÇA, M. L. M.; Dalla Senta. Clarissa O envelhecer feminino no cinema brasileiro contemporâneo: outras narrativas, novos olhares. Palavra Clave, v. 15, p. 571-593, 2012.

passando pelas preferências estéticas, escolhas, possibilidades e impossibilidades de realização pessoal, até as aspirações e ao dever-ser.

A construção de subjetividades, desse ponto de vista, não é centrada unicamente no indivíduo, mas resultado de um processo social em que estão presentes também, além das falas oficiais, hegemônicas, os espaços independentes de articulação e circulação de discursos dissidentes ou simplesmente emergentes. A diversidade de discursos e narrativas que circulam leva a diferentes maneiras de apreender, avaliar, sedimentar ou transformar as distintas relações que indivíduos e grupos estabelecem entre si e com os outros, e também ao surgimento de conteúdos que refletem concepções e interesses distintos ou mesmo conflitantes. Com isso, pode-se afirmar que não há um discurso único sobre a velhice e o lugar da pessoa velha na sociedade. Há, sim, discursos que se justapõem, se confrontam, se complementam. Entretanto, é preciso ressaltar que esses discursos e narrativas incidem sobre a constituição do sujeito-velho (ou não-jovem) ao indicar e mesmo prescrever o que fazer e como se comportar na maturidade e na velhice.

Às instituições que tradicionalmente se ocuparam da socialização dos indivíduos e pela elaboração de uma ordem simbólica – a escola, a família, as igrejas-, juntam-se, nas sociedades contemporâneas, a mídia<sup>10</sup>. Esta atua como elemento importante na construção cultural e por extensão na construção simbólica da realidade social. Assim, por meio da difusão de conteúdos, apresenta e propaga ideias, imagens e representações de uma visão de mundo que indica as maneiras adequadas de comportar, de viver, a noção do correto e

---

<sup>10</sup> O termo mídia, nesse texto, designa a mídia hegemônica, mas que nem por isso é homogênea, e que entretanto forma tendências. Há, certamente, e deve-se valorizar esse fato, uma profusão de canais de informação e de entretenimento que não podem ser enquadrados, em conteúdo e em abrangência, nos mesmos termos da "grande mídia". São realmente importantes, mas não são o foco nesse momento.

do impróprio, as expectativas que se pode ter, a diferença entre o possível e o utópico. Enfim, atuam, ao lado de outras instâncias, como importantes construtores das subjetividades. A forma como se é mostrado na mídia, assim como a invisibilidade midiática, são indicadores relevantes para compreender como uma sociedade reconhece e o lugar que reserva aos seus velhos e velhas.

Além disso, a possibilidade e a capacidade de modelar identidades e subjetividades, por meio dos mecanismos de reconhecimento e de identificação, faz com que as identidades sejam moldadas também pelo Outro. No caso da mídia, não se trata de um Outro qualquer, com quem se convive ou se encontra esporadicamente, mas de um Outro que tem o poder de representação, que pode dizer quem é esse indivíduo, sua posição social, suas possibilidades e impedimentos. O aspecto arbitrário da representação já é reconhecido e permanece uma questão atual, uma vez que mudar os termos da representação significa mudar a percepção que se tem dos fenômenos. Também porque na construção da realidade, mesmo sendo um processo coletivo, nem todos os agentes possuem o mesmo peso e as lutas simbólicas visam o estabelecimento do significado hegemônico, oficial, das práticas sociais.

Partindo dessas premissas, é possível pensar os discursos que circulam sobre o envelhecimento tanto como reprodução – quando as falas individuais repetem fórmulas consensuais/hegemônicas – quanto possibilidade de surgimento de novas ideias. E possibilidades que podem transformar estilos de vida e comportamentos periféricos ou inaceitáveis em legítimos, e incorporá-los ao contexto, desde que essas práticas sejam socialmente “aceitáveis” e possam ser, de alguma forma, legitimados por meio do reconhecimento de setores significativos da população.

Assim, pode-se considerar que as diferentes linguagens (verbais, imagéticas, gestuais, artísticas e outras) não apenas nomeiam o mundo; elas o instituem (SODRÉ: 2003, p.32), fazendo com que a realidade seja, ela também, um efeito de discursos tanto quanto seu ponto de partida. E a construção de discursos e narrativas é produto de indivíduos concretos e, portanto, não é neutra. Dessa forma, é preciso considerar a existência de interesses que sobredeterminam as políticas de visibilidade adotadas pela mídia e que são, simultaneamente, políticas de invisibilidade, posto que derivam de escolhas sobre o que vai ser mostrado e de que forma(s) o será. Dito de outra maneira, as ideias que circulam sobre o envelhecimento e a velhice não são apenas “reflexos” da realidade; são também a expressão concreta de uma relação social que deve ser inserida em um contexto histórico sempre em mutação que a torna compreensível.

Em termos metodológicos, recorro à Análise do Discurso, de origem francesa, em que um dos principais conceitos é o de *formação discursiva*, concebida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)”. Isso “equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc, recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas...” (PÊCHEUX: 1995, p.160).

Eni Orlandi, autora que desenvolve importantes trabalhos na área da Análise do Discurso, afirma, a esse respeito, que “o sentido que se sedimenta é aquele que, dadas certas condições, ganha estatuto dominante. A institucionalização de um sentido dominante sedimentado lhe atribui o prestígio de legitimidade e este se fixa, então como centro: o sentido oficial



(literal)" (ORLANDI: 1996, p. 162). A partir daí, pode-se pensar em termos teóricos e empíricos, tanto a existência de discursos sobre o envelhecimento, que servem à preservação das ideias já estabelecidas, e como de novas possibilidades do surgimento de discursos e práticas discordantes ou contestadoras, transformadoras.

### **Envelhecimento na mídia: ambivalências e contradições**

Isso posto, apresento, de maneira muito resumida, o resultado de algumas pesquisas sobre a mulher não-jovem que realizei (algumas em parcerias com outras autoras) e que me deram subsídios para afirmar que há um embate simbólico em torno do envelhecer feminino. No qual novas estéticas e novas perspectivas tentam se impor frente ao lugar institucionalmente destinado à mulher mais velha (a referência aqui é àquelas com mais de 50 anos, por ser em torno dessa idade que acontece a menopausa e tornam-se mais efetivas e visíveis as marcas da passagem dos anos).

No que diz respeito às diversas produções, o projeto de pesquisa executado contemplou análises de produtos tão distintas como séries televisivas, filmes, revistas femininas impressas, e *sítes* e portais na internet.

Na verdade, não se trata aqui de um relato dessas pesquisas, mas sim de apresentar um pouco das imagens circulantes sobre e para essa população, com a ideia de demonstrar as ambivalências e, por meio de publicações emblemáticas, reforçar as observações acumuladas ao longo de anos de investigação.

Não foi difícil identificar ambivalências e contradições nas reportagens publicadas. Além da utilização de formas autoritárias e prescritivas de discurso ao "ensinar" às mulheres o que e como fazer/comportar-se. Por exemplo, o que fazer para adiar ou camuflar os sinais visíveis do envelhecimento. Também são

percebidas ambivalências, contradições e silenciamentos. Ambivalências porque existem mensagens que tratam mulheres não-jovens como seres que habitam um universo à parte – o “Delas”, numa oposição nem sempre muito clara entre o “Elas” e um “Nós” que supomos serem pessoas jovens a quem são endereçadas a maioria das mensagens midiáticas.

Contradições e silenciamentos porque, ao mesmo tempo em que tentam promover uma cultura do ativismo e da liberdade de ser o que se quer, comumente a mídia ignora ou silencia aspectos importantes do cotidiano de indivíduos envelhecidos: autonomia (especialmente física), afetos, sexualidade. Além dos assuntos quase tabus, como a menopausa, abordados quase que exclusivamente do ponto de vista de profissionais de saúde.

Tema recorrente nas narrativas é o binômio corpo/saúde. Para manter um corpo é necessário mantê-lo em atividade, as prescrições destinadas ao saudável se aliam às estéticas, aos cuidados corporais. À valorização do corpo se alia aquilo que a antropóloga Guita Debert nomeia “privatização da velhice”, isto é, a responsabilização individual pelo envelhecimento ativo e saudável. A promoção desse corpo adequado vai depender também de um imenso arsenal médico-farmacêutico-químico e de práticas físicas destinadas a educá-lo, reprimi-lo, transformá-lo, rejuvenescê-lo de maneira a (tentar) enquadrá-lo nos padrões estéticos atuais.

Magreza e juventude eternas unem-se como ideais de beleza e projetos de vida. Mais saúde, mais qualidade de vida, infinitas prescrições sobre o que convém ou não às pessoas “maduras”, destinadas a encontrar ressonância em um mercado de consumo em amplo crescimento. O envelhecimento é posto como um problema: é possível resolve-lo por meio do consumo de certos produtos, serviços e da adoção de determinados comportamentos e abandono

de outros. Os aspectos econômicos por detrás da promoção do envelhecimento ativo serão abordados em outra publicação.

Resumindo, a representação da velhice e do envelhecimento femininos, sobretudo, passa de uma invisibilidade, de uma inexistência social, de que a mídia é o exemplo mais aparente. Coloca as mulheres que estão vivenciando plenamente o “processo de envelhecimento”, mas ainda não podem ser classificadas no segmento idoso, numa espécie de “limbo” social (e talvez) subjetivo que, por vergonha ou por medo, as impede de se identificar como tais. Não podem mais se identificar com os modelos de juventude – que povoam o imaginário do que seja belo e desejável. Tampouco querem se identificar como velhas ou idosas. Por outro lado, e essa é mais uma ambiguidade, em certas produções as pessoas idosas são revestidas de uma imagem moderna e também estereotipada de indivíduos sempre ativos, entusiasmados, joviais. Muitas vezes, contemplados com possibilidades amorosas e sexuais que, uma vez mais, fogem à realidade e acabam por tentar negar o envelhecimento.

É a partir da constatação dessas ambiguidades, que esta pesquisa traz para discussão dois temas recentes que têm circulado nas redes sociais e que têm sido reproduzidas nas mais diferentes maneiras. Demonstram de maneira contundente a luta simbólica pela fixação dos sentidos do envelhecimento, em especial o do feminino.

Quero aqui cotejar o artigo “Sexalescentes ou sexygenários”, atribuído à antropóloga Mirian Goldenberg (e depois negado), e os comentários de Tita Oliveira ao referido artigo (publicados por Luis Pellegrini, ex-editor da revista Planeta), que se refere aos sexalescentes como aqueles/as sexagenários/as que rejeitam o termo porque “não está nos seus planos deixar-se envelhecer”.

A foto que ilustra a matéria é da atriz inglesa Helen Mirren, considerada ícone da geração mais de sessenta. O texto ressalta a auto-realização dessas pessoas, a energia e os prazeres decorrentes de se terem libertado das obrigações de provedores, principalmente. Liberdade também em não ser mais necessário (ou possível) seguir ideais estéticos e afetivos; de não ter de obedecer prescrições ou ocupar apenas lugares sociais previamente designados. Nos comentários, amplo apoio à ideia, com pouquíssimas ressalvas quanto a um ou outro “probleminha de saúde”.

A antropóloga, que tem uma imagem bastante positiva da velhice – inclusive escreveu o livro *A bela velhice*, nega o apego ao termo, por preferir velhos, coroas ou *ageless* (inclassificáveis em termos de idade). No jornal **Folha de São Paulo**, a pesquisadora Mirian Goldenberg publica, quinzenalmente, coluna em que aborda frequentemente temas relacionados à bela velhice, ao poder libertador que a idade confere de ser o que se é e fazer o que se tem vontade. A noção de liberdade está fortemente conectada à experiência de um feliz envelhecimento, como fica claro a partir da menção ao filósofo Pierre Bourdieu, que autora faz, ao escrever que, segundo ele, espera-se que as mulheres sejam femininas, delicadas, submissas, além de outras qualidades que acrescentaria: recatadas e desejáveis, obviamente.

Com o avançar da idade essas qualidades parecem se mostrar de pouca valia. Nessa brecha, surgem outras possibilidades de libertação daquilo que as aprisiona em função de permanecerem “desejáveis”.

Em outro artigo, intitulado “Por que (alguns) homens preferem mulheres mais velhas?”, publicado na edição da **Folha de São Paulo**, de 13/6/2017, a autora se pergunta sobre essa opção, e revela que dos casais pesquisados por ela os que pareciam mais felizes eram aqueles em que a

mulher era mais velha do que o parceiro. Embora haja, nessa associação, uma nem sempre bem vista ruptura de padrões.

O que se observa, nessas matérias que circulam nas redes, é a emergência de um discurso que remete a um novo tipo de envelhecimento. Ainda que atrelado ou mesmo fomentado por indústrias e prestadores de serviços para não-jovens. Ainda que eivado de ambivalências e de uso de uma linguagem que tende para o autoritário, na medida em que é comum a existência de prescrições e de recurso ao argumento de especialistas. Não se pode dizer que não seja uma nova proposta de um novo lugar social e de ampliação das possibilidades de comportamentos e experiências para esse grupo. Ainda que levando em consideração que essas novas propostas não sejam inclusivas, do ponto de vista econômico. Os exemplos oferecidos ao público são sempre de indivíduos bem resolvidos em vários aspectos da vida, em especial no financeiro. O atravessamento de classes sociais é patente na possibilidade de vivência de um envelhecimento “ativo”.

O que se pretende ressaltar neste artigo é a existência de uma luta simbólica pelo significado hegemônico, oficial e legítimo do envelhecimento. Sobretudo, do envelhecimento feminino, porque se existe uma desigualdade em razão de classes sociais, também existe em relação ao gênero. Quando a mulher definitivamente não segue o roteiro estabelecido, convencionalizado, e rompe com o lugar que lhe é socialmente designado, sua conduta é questionada. Muitas vezes torna-se vítima de julgamentos preconceituosos.

Para análise, como exemplo da afirmação acima, e como contraponto a uma suposta liberação que a idade trás, os artigos publicados em diversas mídias impressas em que a figura principal é Brigitte Macron, mulher do atual

presidente da França: parece possuir como característica mais marcante o fato de ser 24 anos mais velha do que ele<sup>11</sup>.

Como exemplos, há três casos extraídos da mídia brasileira e dois de revistas francesas online. Propositadamente deixei de considerar o que entendi como abertamente ofensivo (e existe).

1) Título: "Brigitte Macron: de professora a primeira-dama da França."

Subtítulo: "A nova primeira-dama conheceu o marido quando era professora dele. Emmanuel Macron tinha 15 anos e Brigitte 39". (**Revista Veja, 24/5/2017**)

2) Título: "O estilo da primeira-dama francesa Brigitte Macron".

Subtítulo: "Brigitte Macron é uma mulher de personalidade: professora casada com um ex-aluno 24 anos mais novo, a primeira-dama não teve medo de tabus e preconceitos durante a vida". (**O Globo, 27/5/2017**)

3) Título: "Sem ela eu não seria eu mesmo".

Subtítulo: "Emmanuel Macron venceu o segundo turno das eleições presidenciais francesas com 66,6% dos votos. Em seu discurso vitorioso, agradeceu especialmente a Brigitte, com quem é casado há quase 13 anos. A multidão foi à loucura, repetindo em coro o nome da primeira-dama". (**Revista Cláudia, agosto 2017**)

4) Título: Brigitte Macron chamada de 'cagole' (termo pejorativo: mulher vulgar) em uma revista feminina francesa.

Texto: "A imprensa francesa e mesmo a estrangeira não presentearam Brigitte Macron desde que seu marido, Emmanuel, entrou na campanha para presidente da República. Ela está tristemente habituada às definições sexistas,

---

<sup>11</sup> Não vou fazer referência aos casais presidenciais em que o homem é muito mais velho do que a mulher e que não causam nem o mesmo espanto nem a mesma indignação.

misóginas (às vezes vindas de dirigentes políticos) e criticada em relação a suas vestimentas". (**Lafemmeactuelle**, 30/05/2017).<sup>12</sup>

5) Título: "Mas por que a idade de Brigitte Macron incomoda tanto?"

Subtítulo: "24 anos separam Emmanuel de Brigitte Macron, ou seja, o mesmo que entre Donald e Melania Trump". (**huffingtonpost.fr** 27/04/2017)<sup>13</sup>

Sexismo e idadismo estão evidentes em quase todas as matérias, exceto a do **Huffingtonpost**, e aparentemente minimizados na revista **Claudia**, embora no corpo da matéria desta revista o tema explorado seja exatamente o da diferença de idade. Independentemente dos termos usados, a revista brasileira explora o inusitado da diferença de idade. Sinal claro de que ainda está longe de ser considerado comum a inversão dos padrões na diferença de idade entre os casais.

Interessante notar que a revista **Claudia**, destinada ao público feminino, aborda no título e no subtítulo questões ligadas ao exercício da política. Enquanto **Veja** e **O Globo**, em tese veículos informativos, abordam a posição de Brigitte Macron sob a perspectiva de uma trajetória ascendente via casamento: "de professora a primeira-dama" (**Veja**); e de uma perspectiva subjetiva "mulher de personalidade", "não tem medo de tabus e preconceitos" (**O Globo**). O que poderia soar elogioso não o é, sabendo que essas características são as mesmas que são usadas para nomear mulheres "poderosas" predadoras de jovens homens.

---

<sup>12</sup> "Brigitte Macron traitée de 'cagole' par un magazine féminin français. La presse française et même étrangère n'ont pas vraiment des cadeaux à Brigitte Macron depuis que son mari, Emmanuel, est entré en campagne pour devenir président de la République. Elle est désormais tristement habituée aux propos sexistes, misogynes (parfois même venant des dirigeants politiques), et déplacés sur ses tenues vestimentaires." (tradução da autora)

<sup>13</sup> "Mais pourquoi l'âge de Brigitte Macron dérange tant? 24 ans séparent Emmanuel de Brigitte Macron, soit autant qu'entre Donald et Melania Trump." (tradução da autora)

A revista francesa **Femme Actuelle** foi menos explícita. Mas o que à primeira vista parece uma tomada de partido em defesa de B. Macron, se anula ao evocar e indicar *links* para as reportagens difamatórias dos outros veículos, prática muito comum em redes sociais e em publicações online. Com isso, aumenta a visibilidade dos ataques pessoais em razão da idade e da aparência.

A única publicação que parece ter um enfoque plural e foge dos lugares-comuns é a **Huffingtonpost**, que na França tem parceria com o jornal **Le Monde**, e se não pode ser classificado como “de esquerda”. Tampouco se enquadra nos modelos conservadores. Em sua matéria, o **Huffingtonpost** questiona uma desigualdade de tratamento entre homens e mulheres, e as diferentes aproximações entre idade e poder. No caso masculino, a idade agrega poder, superioridade do homem em relação à mulher; a inversão da defasagem de idade subverte a relação de poder, e parece ser esse o pilar principal da diferença do envelhecimento frente aos gêneros: o poder. É o exercício dessa prerrogativa de uma alegada superioridade que permite ao masculino definir os lugares aceitáveis para os demais, os comportamentos toleráveis, os papéis que devem desempenhar, ou as tarefas com que devem se ocupar.

### **Considerações finais**

As pesquisas realizadas anteriormente, bem como a análise dos textos que circulam em redes sociais sobre as novas formas de vivenciar o envelhecimento – e as matérias de jornais e revistas apresentadas como contraponto à ideia de um envelhecimento “ativo” e repleto de possibilidades –, mostram alguns aspectos que merecem reflexão.

Em primeiro lugar, aponta para a heterogeneidade do envelhecimento, os atravessamentos e as desigualdades que tendem a aumentar com o passar



dos anos, e que se relacionam tanto ao gênero quanto às classes sociais e ao meio sociocultural em que se insere o indivíduo.

Existe sim uma forte tendência na mudança dos termos e nas proposições acerca de estilos de vida possíveis para pessoas não-jovens. Evidentemente, essas novas proposições estão, elas também, atravessadas pelo fator econômico, fato apontado neste artigo. Tais mudanças nos discursos sobre o envelhecimento são, elas também, muitas vezes apresentadas por meio de um discurso que tende ao autoritário, ao prescrever o que fazer e o que evitar para se ter um “envelhecimento ideal”. O que responsabiliza o indivíduo pela gestão de sua própria velhice, num certo empreendedorismo gerontológico. E importa ressaltar que essas propostas, esses caminhos apontados na direção de um “envelhecimento feliz”, são viáveis graças aos recursos oferecidos por um amplo mercado de produtos e serviços destinados a esse novo nicho de mercado. Nesse aspecto, conviria refletir sobre as origens do surgimento dessas tendências a um envelhecimento mais glamuroso, e sua relação com diferentes grupos que teriam interesse em promovê-los.

Os discursos sobre o envelhecimento são ambivalentes e contraditórios, e pode-se considerar que refletem distintas formas de conceber o envelhecimento e o lugar que cabe aos velhos e velhas em nossas sociedades. Essas ambivalências e contradições são exemplos de uma disputa simbólica pela fixação dos sentidos hegemônicos, legítimos do que seja ser velho/a e envelhecer. Esses mesmos discursos revelam as diferenças e desigualdades entre gêneros, que se ampliam com o passar do tempo.

Mesmo considerando a emergência de novas falas sobre o envelhecimento, pôde-se verificar a persistência de estereótipos negativos a respeito do envelhecimento, sobretudo o feminino. Em especial, quando entram em cena apropriações de prestigiados espaços sociais e simbólicos pela mulher

não-jovem associadas a supostas transgressões às regras estabelecidas e ao lugar tradicionalmente delimitado para ela. Ou seja, pôde-se constatar a luta simbólica pela imposição de um novo senso-comum, pela prevalência de determinados estilos de vida no lugar de outros, luta que se associa a interesses que possivelmente, mas não exclusivamente, provêm do campo econômico.

Assim, apesar da divulgação massiva de fórmulas destinadas a promover estilos de vida saudáveis e um “envelhecimento ativo”, o surgimento e a ampliação de um mercado de bens e serviços destinados ao público *senior*, pode-se concluir que ainda vigora a atribuição de um lugar social específico à mulher não-jovem. As novas concepções sobre um envelhecimento igualitário ainda não estão suficientemente assimiladas no imaginário social. Portanto, ainda são incapazes de deslocar para um segundo plano os discursos hegemônicos e determinados estereótipos relativos ao envelhecimento feminino e, especialmente, ao lugar social destinado à mulher.

É necessário considerar a articulação entre o espaço hegemônico destinado aos mais velhos e aquele ocupado pelo feminino. Percebe-se nesse cruzamento que, nesses espaços, elas estão localizadas às margens de uma ordem dada, representam um “Outro” que, apesar das recorrentes (ou aparentes) tentativas de inclusão, são mantidas em posições relativamente excludentes. E em ocasiões em que a ordem dada é transgredida, o que estava latente revela-se com toda sua força. Os preconceitos, os estereótipos e as classificações pejorativas mostram que ainda estão aí, para ser usados quando a tradição e os costumes se sentirem ofendidos.

Por último, fica a pergunta sobre o que é envelhecer para a mulher comum, aquela que está na rua, nas casas, nos escritórios, nas escolas, nos bares e nos bailes. Essa que, entre exílios e ativismos, entre a inexistência social e midiática e a entrada em cena de uma velhice fascinante, leva uma vida

rotineira e quase sempre distante dos extremos citados. Vive com um desejo de protagonismo que não se esgotasse nos *likes* e *followers* das redes sociais e da existência estetizada.

### Referências

ATTIAS-DONFUT, C. et TRIPIER, P. **Veillir jeunes, actifs et disponibles?** Paris: l'Harmattan, 2001.

BERQUÓ, Elza. **Pirâmide da solidão?** Disponível em [www.cebrap.org.br/imagens](http://www.cebrap.org.br/imagens). Acessado em 28/06/2016.

DEBERT, GUITA G. **A reinvenção da velhice**. S. Paulo: Fapesp/Edusp, 1999.

GOLDEMBERG, M. **O corpo como capital**. Rio de Janeiro: Estação das letras, 2010.

GOLDENMBERG, M. **Por que (alguns) homens preferem mulheres mais velhas?** Folha de São Paulo, 13/6/2017. Disponível em [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br). Acessado em 20/08/2017.

HARGREAVES, PATRÍCIA. **Revista Claudia**. Ed Abril, São Paulo, ano 56, n. 6 junho 2017.

MENDONÇA, MLM. Imagens de mulher: representações do envelhecimento feminino nos media brasileiros. **Revista Comunicação e Sociedade**, UMinho Braga, n. 21, 2012, p.67-78.

MENDONÇA, M.L.M. e FERREIRA, Ceíça. Envelhecimento feminino, consumo e protagonismo: É a (voz da) vovozinha! **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. ESPM, S. Paulo vol.11, 2014, p. 119-136.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de; SENTA, Clarissa R. Motter Dalla. Envelhecer feminino no cinema brasileiro contemporâneo: outras narrativas, novos olhares. **Revista Palavra Clave**, Universidad La Sabana, Chia, Colômbia, n.15 (3), 2012, p.571-593.

NOUSS, A. **La condition de l'exilé**. Paris: ed . MSH, 2015.

ORLANDI, E. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso; uma crítica do óbvio**. Campinas: Unicamp, 1995.

SÁ, CELSO P. **Núcleo Central das Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In. Paiva, Raquel e Barbalho Alexandre (orgs). **Comunicação e cultura de minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

[www.lafemmeactuelle.fr](http://www.lafemmeactuelle.fr). Acessado em 27/07/2017

[www.hoffingtonpost.fr](http://www.hoffingtonpost.fr) Acessado em 02/08/2017

[www.folha.uo.com.br](http://www.folha.uo.com.br) Acessado em 05/08/2017

[www.luispellegrini.com.br](http://www.luispellegrini.com.br) Acessado em 30/07/2017